

CURSO HISTÓRIA DA IGREJA

Altierrez dos Santos

Sistematização de **Maria Ruth Barbosa**, com gratidão.

VIII CONFERÊNCIA: O CONCÍLIO DE NICEIA (325)

Depois que Jesus ressuscitou e os apóstolos continuaram a missão, começou um processo de fragmentação doutrinária, com o surgimento de muitas seitas. A maior parte tinha duas coisas em comum, ou pelo menos uma delas: interesse em poder político ou financeiro (algumas não, mas a maior parte sim). Começamos, agora, o período do século IV, com consequências do que ocorreu nos II e III. Assim, tivemos quatro pontos problemáticos antes do concílio:

grupos oportunistas, como os atuais, estavam interessados em questões de poder político e financeiro;

desde o início, a Igreja Católica sofreu com a interpretação incorreta da doutrina de Cristo e dos apóstolos;

nos séculos II e III, as divisões oportunistas eram como rachaduras profundas em toda a barca de Pedro. Tudo isso em meio a uma grande perseguição: primeiro dos fariseus (porque a grande massa passou a seguir o Messias) e posteriormente do

império romano (porque estava num período de consolidação de sua liderança. Admiravam como os faraós eram tratados como deuses e assim queriam ser tratados também), e da igreja oriental (o imperador persa pensava que os católicos eram uma espécie de infiltrados do império romano, investigando alguma coisa).

Católicos se achando melhor que os outros.

As grandes disputas então centradas sobre a natureza de Cristo. Para os seguidores dos apóstolos, Jesus é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, mas, para outros, não.

São 24 pontos que o Concílio vai resolver, mas vamos nos ater aos quatro centrais:

1. A heresia ariana: Ário era um padre de Alexandria, uma das cinco maiores igrejas do mundo (Jerusalém, Antioquia, Roma, Alexandria e Constantinopla - Roma é a mais importante, mas não foi a primeira. Jerusalém não foi a mais importante,

porque é a cidade santa que matou os profetas e Jesus). Ário (presbítero por volta do ano 319, início do século IV) havia sido discípulo de um bispo herege, chamado Paulo de Samosa, que defendeu o adocionismo - heresia que dizia que Jesus era uma pessoa normal, de quem Deus gostou, mas não era Deus. É como se Deus Eterno adotasse um ser humano e o divinizasse. Ário, como discípulo, defendia que Jesus Cristo não tinha a mesma substância que Deus Pai. E ensina: Deus, o Pai, tem uma precedência sobre o Filho e o Espírito Santo. É de Deus Pai que nasce o Filho, ou seja, Ele passa a existir, assim como o Espírito Santo, depois de uma vontade do Pai. Isso é um problema porque supõe que Jesus era menos importante que o Pai e não existiu em algum momento, mas Ele mesmo disse: “Eu e o Pai somos um.”, “Quem me conhece, conhece o Pai”. De forma diferente, a Igreja católica ensinava que Jesus era homousios com o Pai (da mesma substância, consubstancial).

2. O cisma novaciano: foi um movimento durante o cristianismo primitivo formado pelos seguidores de Novaciano, que excluía da comunhão os “lapsi”. Lembrando: “lapsi” é aquele que caiu, que cometeu um lapso - refere-se aos cristãos que renegaram Jesus, por medo da perseguição do imperador romano, que voltavam à paróquia quando já estavam em um período posterior de paz. Novaciano, entre outros, não aceitaram os “caídos”, considerando

que muitos morreram como mártires enquanto estes renegaram Cristo. O problema dessa atitude de Novaciano é que ela nega a graça do perdão. Durante a perseguição do imperador Décio, em 250, Novaciano, que era padre da Diocese de Roma, não aceitou a eleição do Papa São Cornélio, em 251, que sucederia o Papa São Fabiano, martirizado durante a perseguição. Como ele não aceitou, foi também eleito papa. Quando há dois papas, chamamos um de antipapa. Elegeu-se, aproveitando a fragilidade das pessoas, o contexto. Novaciano morreu durante a perseguição, mas, por um tempo, tivemos dois papas: o legítimo (São Cornélio) e o antipapa - impostor (Novaciano).

3. O cisma Meleciano. Era um bispo de uma diocese pequena, no Egito, chamada Nicópoles. Normalmente, os bispos não fugiam do martírio, mas houve uma época em que os romanos pensaram que deveriam matá-los porque, assim, acabaria a religião. Em algum momento, ficamos quase sem bispos e, por isso, a Igreja orientou que as pessoas fossem para o martírio, mas que fossem preservados os bispos, que já eram idosos e, então, escondiam-se os bispos. Um deles foi São Pedro I, de Alexandria. Melécio também era um bispo. Quando soube que o imperador romano estava matando os bispos, ele próprio renegou Jesus Cristo. Pensando ter agora o apoio do imperador, foi para Alexandria e resolveu que seria o novo bispo de lá,

afirmando, incoerentemente com sua postura anterior, que a Igreja não queria gente que foge para renegar Jesus (lembrando que Pedro não renegou, mas se escondeu, como a Igreja orientou que fosse feito). Pedro retorna posteriormente e convoca um concílio que tira Melécio da direção da igreja. Isso gera muita morte, muita luta.

A polêmica quartodecimana. Jesus fez sua Páscoa no dia 14 do mês de Nissan, no calendário judaico. No cristianismo, temos o calendário juliano (ano 47), ajustando, de tempos em tempos, a cada 128 anos, considerando a diferença que gera o que chamamos de ano bissexto, e o gregoriano (criado pelo papa Gregório III, no ano de 1582), que é o que usamos. Voltando ao calendário judaico, esperava-se que o dia 14 de Nissan ocorresse no equinócio da primavera (quando a natureza florescia, coincidindo com a ressurreição de Jesus - hemisfério norte), mas ele estava tão deslocado que não tinha como isso acontecer, ocorria em qualquer outra estação. A Igreja católica resolveu não segui-lo mais, criando seu próprio calendário, de forma a celebrar a Páscoa sempre no domingo (antes, ocorria em qualquer dia da semana).

Percebendo tudo isso, o Papa São Silvestre I, fez a convocação para a realização do concílio, seguindo a ideia do primeiro concílio realizado pelos apóstolos, para resolver esses e outros problemas da época. Resolveu,

junto com o imperador Constantino, fazer esse concílio em Niceia, uma cidade da Turquia. Mais de 500 bispos do mundo todo foram convidados, mas, pela distância e outras dificuldades, apenas 318 compareceram ao concílio que aconteceu entre os dias 20 de maio e 25 de julho de 325. O bispo Ósio, querido de Constantino, foi o representante do papa. Vejamos as definições desse encontro:

Primeira parte: definições com relação aos pontos discutidos acima:

Condenação do arianismo: Jesus é gerado, não criado, consubstancial ao Pai. 316 bispos preservaram a doutrina da forma como a haviam recebido, pois tinham memória viva dos apóstolos e de seus discípulos.

Ário e mais dois bispos heréticos foram exilados e seus livros foram queimados (São Nicolau chegou a dar um tapa na cara de Ário pelo fato de este negar Nossa Senhora).

A Páscoa seria celebrada no primeiro domingo após a primeira lua cheia que se seguisse ao equinócio da primavera no hemisfério norte (em Roma já se fazia isso e, como a Diocese de Roma era a mais importante, seu exemplo foi seguido).

As heresias novaciana e meleciana foram condenadas (nada de não acolher os lapsi nem de criar igreja paralela).

Os lapsi foram readmitidos na Igreja Católica mediante penitência pública.

2ª parte: outras definições

Proibição de autocastração (os padres faziam isso, considerando o “cortar a parte que te faz pecar”);

estabelecimento de um período mínimo de catequese para os catecúmenos (pessoas que estudam para receber o batismo - muitos anos);

não poderia haver padre em uma casa onde houvesse uma moça mais jovem que ele, para que as pessoas não pensassem que poderia estar acontecendo alguma coisa ali;

proibição do casamento espiritual (o casal morava em uma mesma casa, mas não mantinha relações sexuais);

para ser nomeado bispo, era necessário que mais três bispos e também o da província soubessem disso;

realização de sínodos, nas dioceses, duas vezes por ano;

confirmação da precedência de Roma sobre as outras igrejas;

reconhecimento simbólico da Diocese de Jerusalém;

condenação dos novacianistas;

organização dos processos que os lapsi precisavam fazer para serem readmitidos na comunidade;

proibição de remoção de padres;

proibição de juros entre os padres e os bispos;

precedência de bispos, padres e diáconos na hora da comunhão;

invalidação dos batismos de Paulo de Samosa (precisava ter outro batismo);

proibição de se ajoelhar aos domingos durante Pentecostes, porque, no Oriente, a questão de ajoelhar-se é uma questão de humilhação e, como em Pentecostes, o Espírito Santo inflamava a alma de todos, não era para se ajoelhar nesta época.

Algumas coisas foram mudando depois, mas é importante frisar que, do Concílio de Niceia, herdamos o Credo Niceno original, diferente do credo niceno-constantinopolitano (que é mais completo, mas só vai acontecer depois, no primeiro Concílio de Constantinopla):

Cremos em um só Deus, Pai Todo-Poderoso, criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis.

E em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, unigênito do Pai, da substância do Pai;

Deus de Deus, Luz da Luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro,

gerado, não criado, consubstancial do Pai; por quem foram criadas todas as coisas que estão no céu ou na terra.

O qual, por nós homens e para nossa salvação, desceu (do céu), se encarnou e se fez homem.

Padeceu e ao terceiro dia ressuscitou e subiu ao céu. Ele virá novamente para julgar os vivos e os mortos.

(E quem quer que diga que houve um tempo em que o Filho de Deus não existia, ou que antes que fosse gerado ele não existia, ou que ele foi criado daquilo que não existia, ou que Ele é de uma substância ou essência diferente (do Pai), ou que Ele é uma criatura, ou sujeito à mudança ou transformação, todos os que falem assim, são anatematizados pela Igreja Católica e Apostólica)

E (cremos) no Espírito Santo.

Outras heresias surgiram posteriormente. O arianismo continuou causando problemas. Constantino tinha simpatia pelo arianismo e dois de seus filhos eram cristãos arianos. Os bárbaros, que eram arianos, inclusive, queriam matar o papa por se contraporem às ideias da igreja católica. Isso só foi se resolver definitivamente no século VI.

Importante lembrar que o que aconteceu no passado ajuda a entender o que a Igreja é hoje. A Igreja teve 21 concílios ecumênicos, e este é o primeiro da série.